

A “História” que não foi contada *

O 15 DE AGOSTO DE 1955, NO ESTADO DA ÍNDIA PORTUGUESA



Os que viveram no dealbar dos anos 50, nas paradisíacas plagas portuguesas do Estado da Índia, dos extensos palmares debruçados sobre as belas praias onde o mar é mais azul, dos esguios e resistentes coqueiros cujo fruto serve em mil e uma aplicações até para matar a sede, das altivas e verdejantes arequeiras onde pequenos símios e dóceis esquilos se deleitam com as suas cabriolices, onde o manganês abunda e se extrai de inesgotáveis filões. Os que viverem nestas terras de encanto, onde brotaram nomes de vulto que deram novas luzes ao mundo, jamais podem olvidar o dia mais escaldante: modesto ensaio, da invasão levada a cabo pelas forças indianas em 18 de Dezembro de 1961.

Depois da queda dos enclaves de Dadrá e Nagar-Avely, paraísos das madeiras preciosas, em que o guarda policial Aniceto do Rosário, ao pretender vincar a soberania portuguesa, perdia tragicamente a vida, o espectro de nuvens negras pairava sobre os distritos de Goa, Damão e Diu.

Bandos numerosos de satyaghras – fanáticos hindus que (por vezes) não utilizam a violência –, preparavam-se para tomar de assalto aqueles territórios mas, devido à falta de coesão do movimento satyaghray e à pronta intervenção das forças portuguesas de segurança, os seus intentos fracassaram, não obtendo o mesmo êxito de Dadrá e Nagar-Avely.

Estávamos no ano de 1954 e no dia 15 de Agosto, data em que a União Indiana comemorava o 7º aniversário da sua independência. Rechaçado o primeiro impacto, voltava a “All India Radio”, nas suas emissões destinadas ao então Estado da Índia Portuguesa, a anunciar que uma invasão de maiores proporções estaria prestes a ser desencadeada.

Alertado por este sério aviso, o Governo da Metrópole mandava reforçar a parca guarnição militar. No mar, a vigiar as águas territoriais, apenas existia o aviso de 1ª classe “Afonso de Albuquerque”, que acabou os seus dias encalhado na praia de Bambolim aquando da invasão de 1961, depois de heróica resistência frente à formação naval indiana, onde perdia vida o 1º grumete José Manuel Rosário da Piedade, ficando gravemente ferido o comandante Aragão.

A mobilização foi geral e desde a Grande Guerra, que o rio Tejo não servia de cenário ao zarpar contínuo de barcos transportando contingentes militares, mas desta feita não com destino aos campos da Flandres, mas a paragens que, pela Constituição então vigente, constituíam o prolongamento de Portugal Continental.

A rota, pelo Canal Suez, encurtava o caminho até ao porto de Mormugão, ancoradouro natural e o mais favorável ao movimento de navios em toda a costa do Malabar, que se estende desde o Paquistão à ponta meridional da União Indiana.

A viagem fazia-se em cerca de vinte dias, sob temperaturas elevadas, com os transportes de tropas superlotados, a não dispôr de meios razoáveis para acomodar os militares. Os beliches ou camaratas montados nos porões constituíam um sério problema, visto que a partir de Port Said (no Egipto) até ao porto de destino, com uma curta escala em Port Sudan (no Mar Vermelho), ou em Aden (no Iémen do Sul), os militares enfrentavam o calor tórrido próprio dessa zona do globo.

No porto de Aden os navios reabasteciam-se de água salobra, com os batelões-aguadeiros a ostentar a todo o seu comprimento o pomposo rótulo de “water-pure”. A última etapa da viagem era a mais penosa, uma vez que os militares não estavam habituados ao líquido que lhes era dado a beber, que no sabor mais se assemelhava a água do mar.

Entretanto, a azáfama no Estado Maior do Exército em Lisboa era constante. A Escola Prática de Infantaria, em Mafra, recebia a ordem de mobilização, formando os seus efectivos o Batalhão de Caçadores “Vasco da Gama”, sob comando do coronel França Borges que, depois do seu regresso da Índia, seria indigitado como presidente da Câmara Municipal de Lisboa.

Este Batalhão ficaria aquartelado em Alparqueiros, na cidade de Vasco da Gama, com as suas instalações de recurso constituídas por barracões metálicos.

A unidade-chave da região de Lisboa, o Batalhão de Caçadores nº 5, sob as ordens do coronel Ribeiro Cazais, passava a tomar o nome de Batalhão de Caçadores da Índia, aboletando-se no Convento de Santa Mónica, em Velha Goa, em cuja Igreja do Bom Jesus se encontram depositadas as relíquias do Apóstolo das Índias, S. Francisco Xavier. Ainda na Velha Cidade, ocupava o Convento de S. Caetano a Bateria de Artilharia “Dom João de Castro”, proveniente do Regimento de Artilharia Ligeira nº 1, de Lisboa.



Igreja Matriz de Pangim

Na cidade de Pangim (ou Nova Goa), capital do Estado da Índia, os efectivos militares foram reforçados com a Companhia de Engenharia, aquartelada no ponto mais alto da Cidade, denominado Altinho e a poucos metros da Emissora de Goa, a dispôr de mais elementos vindos da Metrópole. Quando se deu, de facto, a grande invasão satyaghray de 1955, comandava a unidade o capitão Vasco Gonçalves, guindado ao cargo de primeiro-ministro após o 25 de Abril de 1974.

Ao Pelotão de Comando e Serviços do Quartel-General, ficou adstrita a Companhia de Caçadores nº 5, composta por elementos africanos mas com atribuições específicas. O PCS-QG era formado por elementos naturais de Goa, africanos e metropolitanos, tendo como um dos oficiais subalternos o alferes Bérico Velasco, que anos mais tarde fez a sua comissão militar em Macau, vindo depois a ser nomeado comandante da Polícia de Segurança Pública de Macau.

Chefiava o Quartel-General, em substituição do major Hermes de Oliveira – transferido para idêntico cargo no Comando-Chefe instalado no Palácio de Hidalcão –, o major Jaime Silvério Marques que, depois de exercer outros elevados cargos em Angola e Lisboa, seria indigitado como governador de Macau, merecendo o invejável panegírico público de «governador que deu o pontapé de saída ao desenvolvimento de Macau».

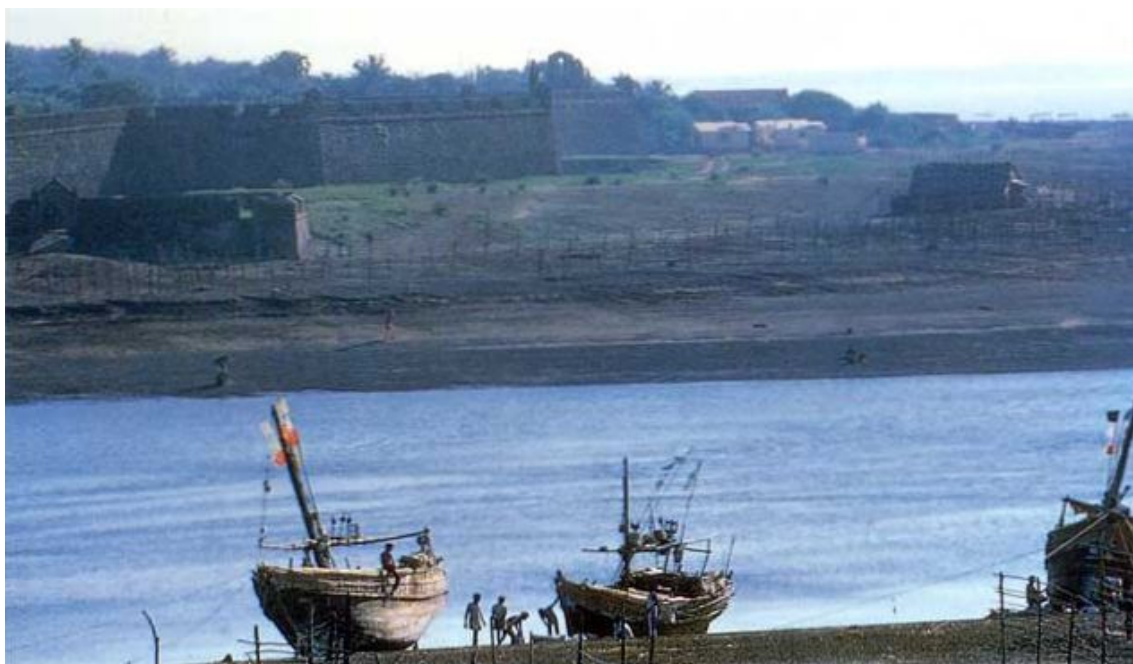
PREPARAÇÃO PARA A DEFESA DE GOA

Preparados para todas as eventualidades, encontravam-se também os Batalhões de Caçadores nºs 1 e 2, aquartelados respectivamente em Margão e em Pondá, unidades estas oriundas das (antigas) províncias de Angola e Moçambique. A Companhia de Caçadores nº 8, despachada de Moçambique no último momento, ainda tomou parte no rechaçar da invasão satyaghray.

Na cidade de Margão encontrava-se ainda o Grupo de Cavalaria de Torçanzori, com diligências apoiadas em auto-metralhadoras, espalhadas por quase todo o distrito de Goa. Em Mapuçá, no concelho de Bardês, fixava-se o Esquadrão de Cavalaria com as auto-metralhadoras a defender o reduto norte.

No planalto de Bogmaló, a cobrir o porto de Mormugão, viam-se a Bateria de Artilharia Anti-Aérea de Penafiel e as de Artilharia Ligeira de Évora e de Santarém, sob comando geral do major João Pedro Correia de Matos que, depois da sua missão na Índia, voltaria a comandar o Forte do Alto de Duque, em Algés.

Em Damão, os reforços à precária e reduzida guarnição também não se fizeram esperar, com o minúsculo distrito de Diu a ver a sua histórica fortaleza com mais bulício, devido à chegada de novos militares para prestar serviço na bateria de artilharia e na companhia de engenharia.



Fortaleza de Damão

Enquanto não se aproximava o momento anunciado para a invasão satyaghray, que tudo levava a crer seria apoiada por elementos do exército regular indiano, iam sendo levadas a cabo acções violentas no território de Goa, mas sem consequências de maior, registando-se, contudo, algumas baixas nas forças da autoridade.

Pouco mais de dez mil homens, apoiados no mar pelos navios de guerra “Afonso de Albuquerque”, “João de Lisboa”, “Gonçalo Velho” e ainda o navegável “Faial”, aguardavam o desenrolar dos acontecimentos.

Governava o Estado da Índia Portuguesa o general Bénard Guedes¹ que, após terminada a sua missão de serviço, regressou a Lisboa, vindo mais tarde a desempenhar o honroso cargo de lugar-tenente ou conselheiro de Dom Duarte Nuno, Príncipe das Beiras e herdeiro ao trono de Portugal.

O DIA DOS SATYAGHRAY

Ao entardecer da véspera do dia 15 de Agosto de 1955, era dado o alerta em todas as unidades, com as forças policiais e guarda fiscal, a tomar posições dianteiras junto das fronteiras.

Caía a noite e as informações recebidas no Quartel-General em Pangim, eram de algum modo alarmantes, constando que dezenas de milhares de satyaghras se aprontavam para invadir os distritos de Goa, Damão e Diu, com a retaguarda apoiada por forças do exército regular indiano.

Por determinação do subchefe do Estado-Maior do Quartel-General, major Matias, mais tarde adido militar em Londres, foi o autor destas linhas incumbido de o acompanhar na inspecção às diligências estacionadas na fronteira norte. Era noite cerrada quando partimos de jipe em direcção a Mapuçá, depois da travessia obrigatória, em “ferry-boat”, do rio Mandovi.

Postos de retardação ofensiva estavam escalonados nas bermas das estradas e caminhos secundários, por vezes causando calafrios, devido ao aparecimento repentino dos nossos militares que, aos gritos estridentes de “alto” e com armas aperradas, nos apontavam pequenos mas potentes holofotes, encandeando a nossa visão.

Passada a cidade de Mapuçá, com uma curta paragem no Esquadrão de Cavalaria a fim de o major Matias se inteirar da situação, seguimos com destino à vila de Perném, depois de passarmos Colvale e atravessarmos o rio Chaporá.

Em Perném, onde chegámos pela alva da manhã, as notícias nada tinham de animadoras. O alferes responsável pela segurança e defesa daquela vila, informava que milhares de satyaghras estavam postados do outro lado da fronteira prontos a avançar. Tomada a primeira refeição do dia, partimos com destino a Tiracol, rodeados ainda de maiores precauções. À medida que nos entranhávamos na zona fronteiriça, os acontecimentos precipitavam-se. Bandeiras da União Indiana, estavam hasteadas nas cabanas que ladeavam a aldeia de Corgão. Recebemos ordens para as retirar, tarefa que poderia ser simples, se alguns dos paus das bandeiras não estivessem em contacto com petardos, enterrados no solo e camuflados pela vegetação.

Depois deste moroso trabalho, sem incidentes, um numeroso grupo de satyaghras surge-nos pela frente à entrada da aldeia. Após uma curta refrega em que não houve vítimas, os invasores rendem-se aos quatro ocupantes do jipe. Via rádio pedimos reforços a fim de tomar conta dos detidos e, depois destes entregues às autoridades policiais, continuamos a estafante caminhada para Tiracol.

À entrada da aldeia de Aramble o confronto foi mais duro, com os antagonistas a apresentar-se em muito maior número e dando mostras de pretender atacar a nossa viatura. A breve escaramuça foi filmada por dois correspondentes de guerra estrangeiros, havendo a lamentar a morte de dois satyaghras e ferimentos graves noutra, vitimados por disparos de uma patrulha que não se apercebeu do esforço que estávamos a fazer para capturá-los sem violência.

Esta peripécia foi objecto de extensa reportagem ilustrada, no jornal “India Express” de 28 de Agosto, em que o autor desta resenha é apresentado, sem culpa alguma, como o principal protagonista.

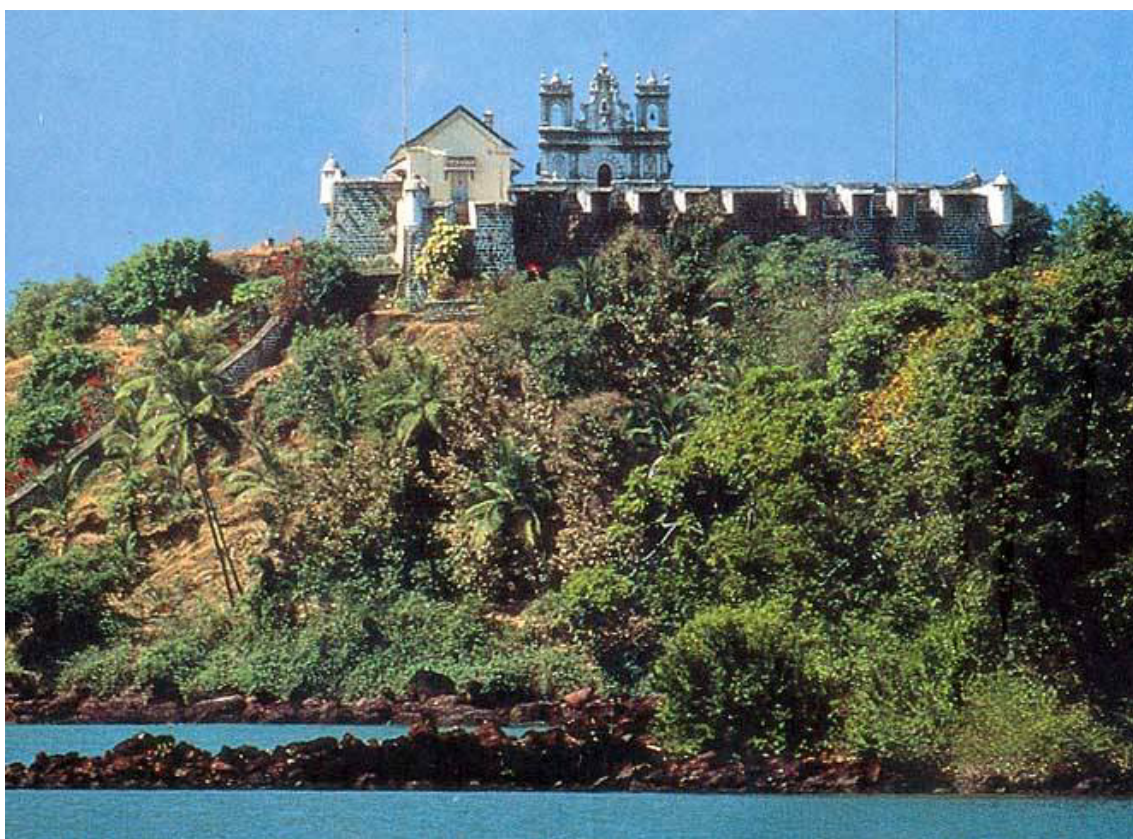
Dominados os prevaricadores, tivemos de aguardar a chegada de reforços para encetar a viagem com destino a Tiracol.

Após estes percalços prosseguimos viagem, entrando-se numa das zonas mais turbulentas deste histórico 15 de Agosto de 1955. Por todos os pontos fronteiriços os satyaghras entravam, apesar dos esforços da polícia, reforçada por militares, para os sustar, uma vez que toda a fronteira de Goa é propícia a infiltrações em virtude de ser densamente arborizada.

Em Quirapanim, no posto da guarda fiscal embarcámos na lancha daquela corporação, percorrendo o rio Tiracol até à fortaleza do mesmo nome, travessia que durou pouco mais de trinta minutos e feita com o credo na boca, devido à proximidade do território da União Indiana. Em Tiracol o ambiente era calmo, com o tenente Namora a comandar a guarnição da fortaleza.

Horas depois, e com uma ração de campanha a saciar o apetite, ouvimos uma infernal algazarra, vinda do declive sobranceiro à histórica fortaleza. Lá estavam muitas centenas de satyaghras, empunhando dísticos e bandeiras na tentativa de assaltar a fortaleza.

Prontos para o pior esperámos a investida, como tal não sucedesse iniciámos o regresso, desta vez com destino às diligências postadas na fronteira nordeste. A travessia do rio Tiracol fez-se na direcção da aldeia de Querim em barco a remos, aldeia que fica na margem oposta e defronte do velho baluarte, que no seu interior possui uma ermida dedicada a Nossa Senhora.



Fortaleza de Tiracol

Em Querim, tomámos o jipe que se tinha deslocado de Quirapanim e, por caminhos perigosos e impróprios para a circulação de uma viatura, prosseguimos na nossa odisseia. Siquervale, Doromarogo e Maulinguém, onde estava instalada a carreira de tiro militar, eram palcos de confrontos violentos, com as suas pequenas guarnições a expulsar os indianos para o outro lado da fronteira.

Entrámos também nestas cenas sem que antes, e nos pontos mais setentrionais do território, tivéssemos assistido e participado na expulsão dos satyaghras, mas foi naqueles remotos lugarejos que os embates atingiram o auge.

Na vila de Bicholim já tinham feito estragos mas, após poucas horas da sua entrada, foram repelidos, muitos deles ficando prisioneiros das autoridades portuguesas.

Em Valpoi o panorama foi o mesmo, com rijas escaramuças para expulsar as hostes invasoras. O pessoal civil a trabalhar em obras militares e a própria população, auxiliaram as forças da ordem a expulsar os assaltantes.

Após um frugal jantar, onde o cansaço era visível no rosto de todos, rumámos pela calada da noite ao ponto de partida – Pangim. O regresso foi feito sem incidentes, mas por toda a parte eram notórios os vestígios da passagem satyaghray. Pelas aldeias, os habitantes em alvoroço e ainda não refeitos dos acontecimentos do dia, e viaturas de toda a espécie tombadas e danificadas. Os militares e polícias retemperavam-se do grande esforço dispendido. Chegados ao Quartel-General fomos felicitados por toda a gente, merecendo especial citação as palavras do general José Filipe de Barros Rodrigues, Chefe do Estado Maior do Exército, que se encontrava em Goa em missão de inspecção, e para quem directamente trabalhei quando prestava serviço no Conselho Superior do Exército, em Lisboa, que teve a gentileza de me louvar em ordem de serviço. O coronel do CEM, Antunes,² Chefe da Repartição de Reorganização do Exército do Estado Maior, em Lisboa, que acompanhava o general Barros Rodrigues, também dirigiu palavras de louvor à equipa dos quatro no jipe.

Mas a proclamada invasão satyaghray ainda não tinha terminado. Na região sul, as notícias chegadas ao Quartel-General faziam prever que ainda havia muito trabalho para fazer, embora o impacto inicial tivesse arrefecido.

Entretanto, na madrugada do dia 16 chegava a informação que duas companhias do exército regular indiano, tinham atravessado a fronteira em Tiném, vila fronteiriça da zona centro e estação do caminho-de-ferro que se estende até Mormugão.

Foram horas de expectativa que causaram sérias apreensões nas altas esferas militares, mas a borrasca que se avizinhava foi desfeita quando os comandos dessas forças, aos serem cercadas pelas guardas avançadas do Batalhão de Pondá e do Grupo de Cavalaria de Torçanzori, comunicaram que se tinham enganado no caminho, julgando encontrar-se em território da jurisdição indiana.

Com a retirada das forças vizinhas, poder-se-á afirmar que o dia mais escaldante e a noite mais longa, vividos no então Estado da Índia Portuguesa, antes de 18 de Dezembro de 1961, tinha terminado.

Em Damão e Diu também o movimento popular indiano se fez sentir, mas não com o impacto que se registou em Goa, onde uma dezena de correspondentes de guerra de vários países fez o relato circunstanciado dos acontecimentos, por vezes falhos de verdade.

Com este processo de retaliação posto em prática durante muitos anos contra os ingleses, ficava por demais provado que os enclaves portugueses no Hindustão nunca seriam absorvidos, até porque a sua população continua lá disposta a viver sob a Bandeira das Quinas, embora entre ela houvesse alguns dissidentes.

Para aguçar a minha curiosidade, deixei-me ficar para o fim, ficando prisioneiro do exército indiano aquando da invasão, de 18 de Dezembro de 1961.

¹ (na colónia britânica de Hong-Kong, reside uma filha deste ilustre oficial-general – que faleceu em Benguela –, casada com o reputado médico dr. Barros Lopes)

² (este oficial superior, um dos melhores estrategas militares, perdeu a vida num brutal acidente de aviação em Angola, no auge da guerra naquela ex-colónia portuguesa)

* **Alberto Alecrim**, in “artigo publicado na Revista Macau, nº 18”; edição do Gabinete de Comunicação Social do Governo de Macau, 1989 (fotografias de Leong Ka Tai, cedidas pelo Instituto Cultural de Macau)